



Imaginário como Objeto Científico

Os pesquisadores de Comunicação entendem o Imaginário como objeto possível da atenção científica?

Carolina Carvalho TRINDADE
carolina.trindade@ufrgs.br



Orientação: Prof. Dra. Ana Taís Martins Portanova Barros

Introdução

Este trabalho é um subprojeto do projeto de pesquisa “Antologia de 100 Textos do Imaginário”, que recensou artigos científicos em bases de dados dos dois maiores eventos da área de Comunicação no Brasil, a **Compós** e a **Intercom**, entre os anos de 2010 e 2014, utilizando a palavra “imaginário” como filtro de busca. Desta forma, surgiu uma curiosidade sobre o uso do termo “**imaginário**” nas pesquisas de comunicação, que resultou nesta pesquisa.

Objetivos

Com acesso a textos produzidos por estudantes de graduação e pós-graduação de cursos de comunicação procurei saber o que era possível inferir sobre **imaginário** na análise do referencial teórico utilizado pelos artigos apresentados.

Os objetivos do presente trabalho foram verificar se a área da Comunicação trabalha com um conceito específico de “imaginário”; averiguar as definições implícitas e/ou explícitas do termo e a sua filiação; mapear quais as noções de imaginário mais aceitas neste corpus.

Metodologia

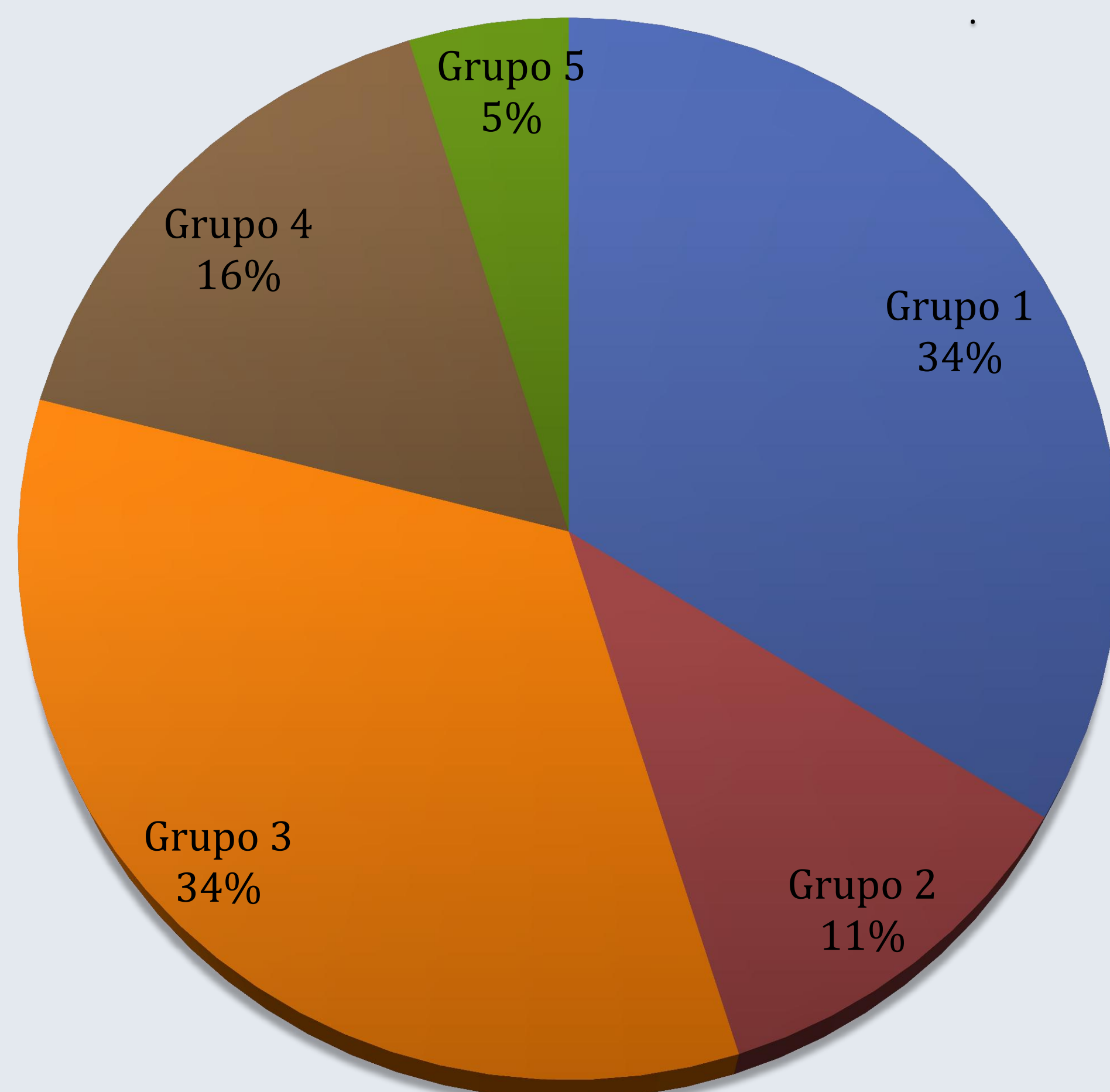
Para a realização deste trabalho, foi necessária uma revisão bibliográfica das Teorias do Imaginário de vertente arquetipológica, pesquisadores como **Gilbert Durand, Carl Jung** e **Gaston Bachelard** e de sua relação com a área da Comunicação; e a **bibliometria** de 124 artigos, verificando-se a recorrência da palavra “imaginário” nos textos, bem como a recorrência de termos da mesma família conceitual (“imaginação”, “imagem simbólica”); e o recenseamento dos autores mais citados relacionados a estes termos.

Grupos

- (1) baseados nas teorias durandianas, bachelardianas e jungianas (vertente arquetipológica);
- (2) baseados na ideia de “imaginário social”, teoria de Cornelius Castoriadis;
- (3) baseados em outros autores, vertentes e teorias;
- (4) textos que utilizam o termo “imaginário” como senso comum, sem aprofundar seus estudos teóricos; e, por último
- (5) aqueles que utilizam a palavra “imaginário” apenas no título, sem repeti-la ou lhe dar importância durante o artigo

Conclusões

É possível perceber que a **maior parte dos artigos se encontra categorizada nos grupos 1 e 3**, demonstrando um equilíbrio. Estes autores procuraram contextualizar o termo, de forma adequada ao que se espera do uso de um conceito cunhado cientificamente. Entretanto, ainda é **significativa a porcentagem de autores que não conceitua a palavra “imaginário”**. Sendo que, durante a leitura dos trabalhos, foi possível notar que grande parte dos artigos categorizados no grupo 4 utilizam a palavra “imaginário” **de forma pejorativa**, como, por exemplo, identificando que devemos “quebrar imaginários construídos pela mídia”. Friso que a distribuição do corpus entre os grupos não teve mudanças significativas, indicando que é possível que essas porcentagens **se mantenham** mesmo com mais artigos analisados. Sendo assim, podemos dizer que **os dados coletados mostram uma ligação entre a palavra “imaginário” e necessidade de sua conceituação**.



Corpus: 124 artigos

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. *A terra e os devaneios da vontade*: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *A terra e os devaneios do repouso*: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. *A permeabilidade da fotografia ao imaginário*. Revista Fronteiras - estudos midiáticos, São Leopoldo, v.11, n. 3, set./dez. 2009. p.185-191.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JUNG, Carl G. *O Eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1978.